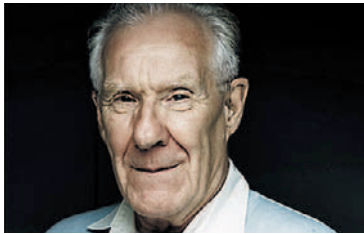


P&R

Alain Badiou
Filósofo francês
Amsterdão, 2012

“É necessário uma nova visão geral e não uma mera revolta”



Depois da conferência, Badiou falou alguns minutos com o *i* sobre a sua visão do futuro.

Quem poderão vir a ser os agentes de um evento na Europa hoje? Primeiro devo dizer que não podemos prever um evento, ele é sempre algo imprevisível do ponto de vista da situação. Se te disser que há um evento em preparação na Europa, não sou filósofo, sou profeta [risos]. Posto isto, penso que há uma fraqueza política na Europa hoje.

Qual? Há grandes protestos, portanto podemos dizer que há uma possibilidade de evento, mas há esta fraqueza que é: o resultado não é, de todo, a mudança da situação, o governo mantém as políticas, aceita os protestos e nada muda. Penso que devemos pensar sobre o porquê desta contradição.

Pensar no porquê poderá levar ao evento em si? A resposta está ao nível ideológico, não ao nível prático. Mas a esse nível há a fraqueza de não sabermos como estar unidos a longo prazo. No imediato podemos fazer algumas coisas, mas não muda nada, porque é politicamente impossível fazer coisas a longo prazo sem a consistência ideológica que, neste momento, não existe.

Falou de criatividade no debate. É isso que falta? Sim. É necessário encontrar, criar, desenvolver uma nova unidade, uma visão geral e não apenas uma mera revolta. É um progresso que muitas pessoas em movimentos como o Occupy Wall Street estejam a questionar a representação política, mas só isso é uma coisa negativa. A minha convicção é que devemos encontrar ideias positivas. A solução é a criatividade e está nas vossas mãos, dos jovens, não está nas minhas. Finalmente! [risos]

Como mudar o mundo?

Entre desejos de rebuçados de mentol e da paz universal

Filósofos, escritores, políticos e um psicanalista juntaram-se na Holanda para debater porquê e como mudar o mundo. A participação na última conferência do Nexus bateu recordes

JOANA AZEVEDO VIANA
joana.viana@ionline.pt
Em Amsterdão, Holanda

Slavoj Zizek encabeçava a lista de conferencistas esperados na semana passada em Amsterdão para o encontro anual do Instituto Nexus, criado pelo filósofo holandês Rob Riemer em 1994 para “promover o ideal europeu de civilização”.

Devido a problemas de saúde, o filósofo esloveno não pôde viajar até à Holanda. Mesmo assim, e apesar do desgaste visível, Riemer está satisfeito quando se encontra com a jornalista num café do Spui (lê-se Spau), famoso bairro central da cidade: falta um dia para a conferência que, antecipa o filósofo, terá grande sucesso. “Uma coisa engraçada aconteceu este ano: assim que anunciamos a ‘Como mudar o mundo’ no nosso site, começaram a chover inscrições”, conta. “Em dois dias os bilhetes esgotaram e o número de jovens inscritos é o maior em quase 20 anos.”

O recorde foi batido antes da alteração de planos, anunciada dias antes da partida da jornalista para os Países Baixos: Zizek, o filósofo esloveno que ganhou (ainda) mais popularidade com discursos inspiradores nos encontros do Occupy Wall Street no ano passado, tem um “problema cardíaco” que deu de si e o pôs de cama. “Quando lhe perguntei quem é que poderia substituí-lo”, conta Rob no café Luxembourg (piada que repetiria na abertura da conferência) “ele foi

claro: ‘Só há uma pessoa melhor que eu para me substituir e essa pessoa é o Alain Badiou.’”

Zizek pegou no telefone e ligou ao “mentor”, que não recusou o convite e que, depois dos debates num teatro da Leidseplein, partilhava essa historietta com a jornalista. Uma que terminou assim: “Ele [Zizek] está numa fase fulcral da sua vida, em que tem de perceber que já não é como tu, está a ficar como eu. Dantes andava a correr de um lado para o outro, mas agora tem de acalmar, a doença dele assim o obriga.”

Ao contrário do que se esperaria de uma figura tão reconhecida da filosofia moderna, Badiou é uma das pessoas mais simpáticas e calorosas no debate em Amsterdão. Solta gargalhadas audíveis sempre que larga ideias óbvias e aposta na desconstrução do tema da conferência para a inaugurar.

“Para percebermos como mudar o mundo temos de perceber os significados dessas palavras: como, mudar, mundo”, diz às cerca de mil pessoas confortavelmente sentadas no teatro Stadsschouwburg, que pagaram entre 20 e 60 euros para assistir à conferência. “Se achamos que o mundo deve ser mudado e queremos mudá-lo temos de acreditar na possibilidade do impossível, pensar em novas formas de união e numa nova igualdade. O resultado está escondido na mudança em si mesma.”

Chavões à parte, para quem está mais ou menos inteirado do pensamento de



Badiou e da sua teoria do “evento” – uma ruptura num dado momento do tempo que altera o curso das coisas (seja na vida pessoal, na política nacional ou o rumo do mundo inteiro, porque não?) – o discurso de abertura não foi inédito. A novidade foi o efeito desse discurso nos restantes conferencistas, que nos deixa a pensar se Zizek, doze anos mais novo que Badiou e bem mais cáustico do que o mentor, teria a mesma força.

QUE MUDANÇA? Inspirados pelas palavras de Badiou, os convidados de Riemer entraram em discussões aceras sobre pontos de vista divergentes, em dois debates num domingo pré-neve que terminaram sem nenhuma conclusão. Afinal, mudar o mundo não é pèra doce e quem esperava respostas para a Crise, essa coqueluche da actualidade, saiu de cabeça baixa.

Dizia Schopenhauer que, para muitas pessoas, os filósofos são noctívagos inoportunos que as perturbam durante o sono. Acrescentamos nós que, na “Como mudar o mundo”, alguns dos presentes não queriam ser acordados. Pelo menos a julgar por algumas reacções aparentemente guiadas por preconceitos e frases feitas, que os puseram ora a aplaudir ideias completamente opostas, ora a ficar meia hora numa fila interminável no intervalo para receber um autógrafa de Badiou, a estrela-maior, escrevendo o seu nome em post-its para o autor saber a quem dedicar sempre a mesma frase: